

Corpo e Corporeidade

Jorge Luís Mialhe

Em tempos neoliberais nos quais o ser humano é visto como mais um dente na engrenagem motora de um certo tipo de globalização, cujos efeitos perversos fazem-se sentir em nosso cotidiano, cinco estudiosos com formações diferentes desenvolveram suas reflexões multidisciplinares acerca do tema CORPO (Corpo para malhar ou para comunicar?) organizadas por Samuel de Souza Neto, professor do Departamento de Educação da UNESP de Rio Claro e editado na coleção *Pensar Mundo Unido*, da Editora Cidade Nova.

O corpo já foi utilizado como metáfora do poder. Kantorowicz no seu estudo acerca da teologia política medieval, recentemente publicado em português pela Companhia das Letras, analisa a doutrina segundo a qual o rei possuía em corpo natural, como qualquer outro homem e, paralelamente, um “corpo místico”, invisível e imortal, incapaz de qualquer imperfeição e, por isso mesmo, seria concedido tratamento jurídico diferenciado a cada um deles e o poder de decidir, em cada caso, qual dos dois deveria ser responsabilizado por uma determinada ação. *Les deux corps du roi*, o físico encarnando o poder teológico-político tornou-se parte integrante da *raison d’Etat*, imortalizada na conhecida frase de Luís XIV, *l’Etat c’est moi*. A corporificação do poder do Estado na figura do déspota (esclarecido ou não), manifestado de forma inequívoca em certos atos praticados por alguns de nossos governantes (reedição *ad nauseam* de Medidas Provisórias, por exemplo) nos traz a mente a preocupação com a dominação daqueles indivíduos cujos corpos e mentes deverão ser domesticados conforme os interesses e os valores do Estado. No liberalismo, os interesses e os valores do mercado estão, de certa forma, metamorfoseados nos interesses e valores de Estado, que age conforme a lógica do mercado e sua *raison d’être*. Observe-se, por exemplo, a ausência de soberania, a impotência dos países ao lidarem com as conseqüências do movimento dos chamados “capitais voláteis” e sua nefasta influência sobre o corpo social. Como mostrou-nos Michel Foucault em *Vigiar e punir*, “houve, durante a

época clássica, uma descoberta do corpo como objeto e alvo do poder (...) corpo que se manipula, se modela, se treina, que obedece, responde, se torna hábil ou cujas forças se multiplicam (...) A disciplina fabrica corpos submissos e exercitados, corpos ‘dóceis’”.

Corpo, cultura e sociedade, de Samuel de Souza Neto abre a série de cinco ensaios do livro analisando o corpo como “base de percepção e organização da vida humana” (p.9) nas suas infundáveis dimensões, constata “um narcisismo e um individualismo exacerbado” presentes na mídia e nas “casas de cultura física” (p.10) onde a corpolatria é o valor absoluto e propõe uma reflexão sobre os estágios de um “corpo em construção” (p.11) a partir dos sentidos, da cultura e da intuição, destacando que “uma das formas que cada indivíduo tem para conhecer o seu corpo (...) são os diferentes momentos de sua vida” (p.13), na infância, na adolescência, na juventude e na maturidade, com suas peculiaridades e limitações. No campo da cultura, o autor busca a “essência e a existência” do corpo no decorrer da grande aventura humana, tendo como parâmetros o essencialismo de Spinoza e Hegel e o existencialismo de Heidegger e Sartre. São elencados, ainda, os vários tipos de visões de corpo numa sociedade narcisista que utiliza-o como mercadoria. Nesse estágio de alienação, num contexto diverso daquele do ensaio resenhado, nos vem a mente a idéia do *fetichismo da mercadoria* de Marx, ou seja, o processo pelo qual os produtos do trabalho do homem passam a aparecer como uma realidade independente e sem controle, alheia e estranha àqueles que a criaram. Enfim, o autor aponta a “necessidade de conjugar corpo e corpos em uma perspectiva nova, mais ampla e menos consumista, mas concreta, buscando na pluralidade dos valores a unidade dos corpos”(p.36).

O pensamento filosófico e a questão do corpo, de Rosa Maria Feiteiro Cavalari dá seqüência ao ensaio anterior. A autora esclarece que “desde a Antiguidade grega até os dias atuais, a visão homem veiculada pela filosofia não é a de um ser integral, mas de um ser composto duas partes diferentes e inconciliáveis”.(p.39)

Corpo e alma, esse “dualismo psicofísico” tem sido avaliado pela filosofia com dois pesos e duas medidas, pois “por ser considerado inferior, o corpo não constitui objeto de estudo para a filosofia ao longo de suas história (...) não era do corpo que se falava, mas do espírito e de sua superioridade em relação ao corpo”.(p.39) Tal posicionamento começou a sofrer alguma alteração apenas no século XX. Assim, a autora empreendeu um vôo panorâmico e retrospectivo sobre o tema, coligindo os subsídios de Platão, Santo Agostinho, Descartes e Merleau-Ponty, concluindo que hodiernamente, *malgré* a permanência daquela visão de “homem como ser dicotomizado (...) nunca se falou e se investiu tanto no corpo” (p.48) a ponto de “acabar-se por cair num outro extremo”. (p.49) Para a superação da dicotomia é fundamental o resgate do homem entendido como “ser integral (...) procurando romper os limites estreitos de todas as dualidades” voltando-se para a construção de um novo homem assentado na concepção de *imanência* vinculada à *transcendência*.

O corpo na arte, de Osvaldo Antonio Peron mostra-nos como “o corpo humano inspirou artistas de todos os tempos”. (p.51) Desde a Vênus pré-histórica de Willendorf, com 10,45 cm de altura, esculpida em calcário em 20.000 a.C., integrante do acervo do Naturhistorisches Museum de Viena, passando pelos egípcios e hindus e atingindo o seu apogeu na arte helenística, “uma verdadeira exaltação do corpo em todos os seus detalhes”. (p.52) até o expressionismo. Retomado como modelo no Renascimento, o corpo humano foi imortalizado no teto da Capela Sistina por Michelângelo. Nas palavras do Papa João Paulo II, “a Capela Sistina é precisamente - se assim se pode dizer - o santuário da teologia do corpo humano. Ao dar testemunho da beleza do homem criado por Deus, como homem e mulher, ela também exprime, de certo modo, a esperança de um mundo transfigurado”. (p.53) Finalmente, o autor nos lembra que “a arte sempre se serviu da imagem do corpo para comunicar realidades humanas, situações psicológicas, momentos do espírito, dramas, tragédias, comédias, emoções de todos os tipos” (p.54) em todos os tempos e lugares.

Re-pensando um corpo simbólico, de Sílvia Marina Anaruma convida-nos a refletir o corpo como “nosso mundo particular” a partir “das seguintes questões: A imagem que crio de meu corpo na minha

mente influencia a forma como o percebo? Que relação há entre a sexualidade e o corpo? O que me dá forças e me mobiliza para a ação e que sinto presente quando estou feliz, mas que não sinto quando estou triste? Como pensar minhas relações com o mundo a partir da reflexão sobre a corporidade?”. (p.55-6) Para responder a essas indagações, é mister tomar-se consciência do próprio corpo, percebendo o benefício do toque “na formação de uma imagem corporal positiva” (p.57), entendendo “o valor que a sociedade dá ao corpo” (p.57), conhecendo os riscos na “busca do corpo perfeito” (p.58), encarando a “atividade física” como “auxílio na aceitação do corpo”(p.58), identificando o movimento como meio de se estabelecer “a unidade corpo-mente” e facilitando “o contato com as emoções”. Paralelamente é preciso compreender que a sexualidade “engloba o ser humano como ser total, não o limitando apenas à sua genitalidade” e que ela “não ocorre no vazio, mas existe dentro de um contexto que a determina” e que “existe uma relação direta entre o universo maior, o macrocosmo e o nosso corpo, o microcosmo, de tal forma que um influencia o outro”.(p.61) Enfim, “a construção de um mundo unido inclui o reconhecimento de nosso mundo particular, o corpo, não só dando espaço para os sentimentos, como explorando o máximo de suas potencialidades”. (p.64)

Corpo, corpos e corporeidade de Samuel de Souza Neto encerra a série de ensaios, alinhavando-os de maneira coesa. Em síntese: “o conhecimento corporal passa pela busca de um equilíbrio pleno, orientada em duas direções: a descoberta de nossa imagem corporal - a beleza de nós mesmos -, e a descoberta do outro - que traz embutida a dimensão do ‘corpo mundo’”. (p.69)

Um livro instigante e cheio de esperança para aqueles que querem entrar no III Milênio um pouco mais conscientes de sua identidade corporal em permanente interação com a alteridade.

Jorge Luis Mialhe
Professor Assistente Doutor do Departamento de
Educação - UNESP - Rio Claro
